

AUTOLESÃO NA ADOLESCÊNCIA E O ESPAÇO VIRTUAL

Thayse Lissa Lima Barbosa; Hediany Andrade de Melo.

*Graduada em Psicologia pela Faculdade Maurício de Nassau – Campina Grande – PB,
thayselissa@hotmail.com*

Resumo: Com o amplo acesso a redes sociais, adolescentes se reúnem para compartilhar relatos de autolesão, o que pode ser definido pelo comportamento lesivo contra o próprio corpo de forma superficial, moderada, ou profunda sem que haja intenção suicida. O presente artigo teve como objetivo analisar a autolesão na adolescência a partir de duas importantes redes virtuais: *facebook* e *youtube*. Este estudo se baseou através de uma pesquisa documental de cunho qualitativo e os resultados mostram que embora a internet possa representar riscos no fornecimento de técnicas e métodos potencialmente letais para a prática autolesiva, a maior parte do conteúdo é projetada para fornecer suporte social, informar, compartilhar histórias e apoiar esses adolescentes. Este artigo acrescenta à nossa compreensão que entre as causas explanadas o sentimento de solidão é o fator principal associado a esta prática, acompanhado com sentimentos de rejeição, culpa e abandono.

Palavras-chave: Autolesão, Adolescência, Psicanálise, Espaço virtual.

1 INTRODUÇÃO

A automutilação, como também é nomeada, surge como uma alternativa em situação de conflito. Muito se tem discutido sobre esses comportamentos e vários estudos que abordam este tema demonstram como esta prática é preocupante.

Para compreender esse assunto, o *Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais* (DSM-V) define a autolesão como um comportamento não suicida e o caracteriza pelo comportamento repetitivo em infligir lesões no próprio corpo. Embora estes atos sejam dolorosos, o propósito é de reduzir sentimentos negativos, com a utilização de objetos como faca, agulha ou lâmina. Os ferimentos podem ser profundos ou superficiais, porém proporciona sensação de alívio imediato. Ainda é destacado pelo DSM-V que as expectativas do indivíduo que engaja neste comportamento são além de obter alívio, resolver uma dificuldade interpessoal e induzir um estado de sentimento positivo (APA, 2014).

A nomenclatura utilizada para se referir a esta prática varia e inclui termos, como: auto ferimento, comportamento auto danoso, automutilação, ferimento corporal, auto dano intencional, auto cortar-se, auto ferimento não suicida (WHITLOCK; LADER & CONTERIO, 2007). Existem outras expressões como: autolesão, autoagressão, autoflagelação, auto infligir e comportamento auto injurioso. No entanto, no Brasil as terminologias mais comuns são: automutilação e autolesão, que, por sua vez, são as que usamos neste artigo.

Para Arcoverde (2013), a diferenciação terminológica ocorre devido a uma maior investigação sobre o assunto em outros países como nos Estados Unidos e Reino Unido, e também o grau de lesão ocasionado ao corpo. O conteúdo desta pesquisa inclui estudos voltados ao comportamento autolesivo feito sem intenção suicida e mais comumente conhecido como automutilação.

De acordo com Vieira, Pires e Pires (2016) os comportamentos autolesivos possuem taxas elevadas na adolescência, sendo maior em mulheres. A autolesão representa consequências físicas, do qual o sujeito recorre no sentido de tentar recuperar o equilíbrio diante das angústias internas que se instalam e se revelam dolorosas e difíceis de ultrapassar. O alívio é momentâneo e compulsivo e se faz acompanhar de sentimentos de culpa e vergonha. Apesar de permitir ao indivíduo reduzir tensões emocionais, a prática desse ato, pode aumentar os sentimentos de remorso e culpa e, conseqüentemente, ocasionar uma maior proporção da dor emocional (LOURENÇO, 2008).

Acredita-se que o aumento de atos autolesivos nos adolescente refere-se em parte às redes sociais, onde a obtenção às informações sobre esse comportamento é mais acessível. Essa prática é compartilhada através de fotos de corte, onde esses sujeitos escrevem sobre como se cortam e como se sentem. Muitos relatam que sentem uma sensação de conforto e bem-estar após se cortarem, transferindo, assim, a dor interna para a externa por meio da perfuração corporal (ROSA, 2011).

Sendo assim, este estudo se propõe a analisar a prática da autolesão e sua relação com o público adolescente. O interesse pela temática nasceu a partir de uma perspectiva contemporânea em contrapartida com a propagação desta prática no espaço virtual. Nesse sentido, como material de análise, aplicam-se os espaços virtuais como *facebook* visto que oferece ferramentas de interação onde os sujeitos revelam seus conflitos íntimos. Além desta rede social, o *youtube* também se coloca como um espaço no qual os adolescentes expõem seus depoimentos através dos vídeos postados.

A expansão da *internet* no contexto social se configura como uma grande fonte de pesquisa, sobretudo na escolha dessas mídias virtuais, por ser justamente esse o local onde o público adolescente se utiliza para discutir e problematizar as implicações da autolesão em sua vida psíquica. Nesses espaços encontramos depoimentos, falas isoladas, imagens e vídeos de usuários que discutem abertamente o assunto. Esses questionamentos surgem diante do aumento desta prática em adolescentes e a sua disseminação no espaço online.

Dessa maneira, esta pesquisa tem como objetivo analisar os depoimentos da prática de autolesão em espaços *online* e sua relação com o público adolescente. Através desta pesquisa, vislumbramos apresentar os aspectos subjetivos deste ato no contexto adolescente e com isso, avaliar as contingências na proliferação desta prática no mundo virtual.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa documental de cunho qualitativo, do qual usamos a *internet* como campo de pesquisa e teve como principal interesse analisar a autolesão no contexto adolescente, no tocante a disseminação dessa prática no espaço virtual. Esta pesquisa foi realizada através de uma análise de depoimentos, em comunidades virtuais brasileiras encontrados em duas importantes redes virtuais: *facebook* e *youtube*.

A população analisada se aplicou em uma amostragem aleatória, tendo em vista a análise em conteúdo eletrônico e que segue como principal fonte o documento. Esta pesquisa contou-se através do tratamento interpretativo do conteúdo já existente. Desse modo, o procedimento para a coleta de dados foi composto através da opção de pesquisa nas duas redes virtuais, com palavras-chaves: automutilação e autolesão. A seleção da página e do vídeo se baseou pelo maior número de membros e visualizações, conteúdo público, comentários do decorrente ano e através da opção de filtro respectivamente. O conteúdo escolhido foi salvo em arquivo PDF *Portable Document Format* (Formato Portátil de Documento), como procedimento de segurança.

Esta pesquisa se baseou nos aspectos éticos orientados pelo O Conselho Nacional de Saúde CEP/CONEP em sua resolução de número 510/2016 que orienta em relação a pesquisas de domínio público. Fundamentado nisto, foi considerado apenas o material público, as páginas e conteúdo restrito foram excluídos da pesquisa. Cabe ressaltar, que mantivemos o anonimato durante a coleta de dados, não existindo nenhuma forma de interação ou influência com as publicações expostas nas páginas e, nem tão pouco, com o público virtual, que de uma maneira direta ou indireta interagem com o conteúdo publicado. Como medida ética, utilizamos nomes fictícios, para manter o anonimato das pessoas e das páginas nos depoimentos analisados (BRASIL, 2016).

Os materiais selecionados receberam um tratamento analítico do qual foi reexaminado através da interpretação. Para isso, adotamos os seguintes aspectos: a escolha dos documentos, o

acesso a eles e sua análise. Detivemo-nos através da decodificação e análise dos dados, o que têm caráter duplo que é entender o sentido e buscar outra significação. As mensagens foram inseridas na pesquisa em seu aspecto literal, ou seja, exatamente como foi produzido, com expressões relacionadas ao mundo virtual.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 AUTOLESÃO E O ESPAÇO VIRTUAL

De acordo com os critérios propostos na pesquisa para seleção do material, os resultados de busca indicaram que no *facebook* existe a maior página pública brasileira com várias publicações postadas em 2017, o que os qualificava para análise. A página selecionada terá o nome fictício: “corto-me”. No *youtube* seguimos com os mesmos critérios, foi escolhido apenas um canal que se volta especificamente a prática autolesiva. O nome fictício será: “automutilação”.

Na página corto-me e no canal automutilação, foi possível identificar que ambos foram criados com intuito de receber apoio de seus semelhantes, obter compreensão entre os pares e assim amenizar o sentimento de isolamento, por traz dessa prática. Esse apoio mútuo se voltava tanto pelos administradores das páginas, como pelos internautas que interagem nesses espaços.

Percebe-se que os adolescentes buscam recursos de enfrentamento nos espaços *online*, através de *blogs*, criações de canais no *youtube* e comentários. As mensagens deixadas indicam que as postagens de músicas, bem como imagens e vídeos se colocam como um conforto para os sujeitos, como no caso de Leda.

“Amo essa música, quando penso em me cortar e me matar ouço essa música e me acalmo.” (Leda)

Já para Noemi, é uma forma de identificação diante do sentimento de desamparo, do qual falaremos mais adiante.

“É bom saber que mesmo eu me sentindo sozinha, tem pessoas com vc, que me entendem... Então obrigada.” (Noemi)

Murray e Fox (2006) argumentam diante de uma pesquisa realizada em grupos de discussão na *internet*, que a participação em grupos

sobre comportamentos autolesivos, teve efeitos positivos na redução da frequência e na gravidade. Whitlock, Lader e Conterio (2007) que investiga a automutilação não suicida nos Estados Unidos diante de suas experiências, concluiu que a internet desempenha um papel cada vez mais importante nas vidas, no tratamento e na recuperação desses sujeitos.

Por outro lado, Whitlock, Powers e Eckenrode (2006), em uma pesquisa realizada nos fóruns de *internet* nos Estados Unidos concluíram que apesar desses espaços fornecerem suporte social, eles tendem a habituar o comportamento o que pode ser prejudicial e ameaçador para a vida, e contribuir para um crescimento do ato.

Swannell et al. (2010) realizaram uma pesquisa na Austrália, e os resultados mostraram que a maior parte do conteúdo em *sites* em relação á autolesão foi projetada para informar e apoiar os jovens, adultos e suas famílias. Porém, é importante destacar que os sites analisados não são a única presença na internet, existem, painéis de discussões, *blogs* e salas de bate-papo. As interações *online* fornece suporte social, mas elas também podem encorajar a automutilação e fornecer técnicas e métodos para a prática.

Na análise desta pesquisa observamos que os objetos utilizados para as perfurações corporais, obtêm um lugar central nesses espaços discursivos. Há um caráter especial neste objeto, como aquele valorizado e companheiro para os momentos de angústia. Pode-se também observar que para esses internautas o sangue retrata o existir, portanto, alimenta o sentimento de manter-se vivo. É como vemos nos relatos abaixo retirados da página corto-me e do canal automutilação:

“Meu sorriso já se foi... E foi a tempo. A única coisa que consigo desabafar o meu parceiro é só ele... A faca... A gilete...” (Celine)

“(...) As lâminas são minhas amigas há muito tempo.” (Lorana)

“Na verdade já morri por dentro... O que me resta? Seguir... Na dor mesmo! Não digo que me corto, na verdade eu não me corto. Eu apenas pinto meu braço com meu pincel, e meu sangue é a tinta mais linda e mais viva. Apenas pinto quadros em mim mesma.” (Agnes)

Existem algumas divergências na comunidade científica em relação á intencionalidade do ato na prática autolesiva. Nos resultados obtidos desta pesquisa, pode-se observar mensagens de sujeitos que possuem ideações suicidas ou mesmo já afirmaram ter considerado uma tentativa de suicídio, como podemos destacar nas mensagens abaixo:

“10 anos de bulliyng. 3 de Automutilação. 3 tentativas de suicídio. Vontade de sumir...” (Marta)

“Tenho 25 anos e me corto desde os 10 já tentei suicídio 5 vezes ... É um caminho sem volta!” (Catarina)

“O jeito mesmo é colocar um fim nessa história. Sei que vai doer, vai deixar saudades, alguns vão sofrer, outros vão rir, outros vão aplaudir... Mas o que realmente ninguém entende, é o nosso grito de socorro em silêncio,

(83) 3322.3222

contato@conbracis.com.br

www.conbracis.com.br

derramado em sangue, em lágrimas, isolamento... Ninguém entende pra eles isso é besteira, modinha, trouxe gente que não tem nada para fazer...” (Abner)
“Às vezes tenho vontade de me matar de ódio de mim mesmo 49% do meu corpo é cortado.” (Eli)

Alguns estudos apontam como o de Whitlock, Eckenrode e Silverman (2006) realizado em uma faculdade americana, que 66 % da maioria dos sujeitos que se autolesionam relataram nunca ter considerado uma tentativa de suicídio, porém, existe uma parcela de sujeitos que afirmam ter considerado. No ano seguinte, Whitlock e Knox (2007), compararam comportamentos autolesivos com o suicídio em adultos, e constataram que muitos indivíduos com histórico de AFNS (auto ferimento não suicida), como é nomeado pela comunidade canadense e americana, estão em um elevado risco de comportamentos suicidas e precede mais frequentemente.

Tomada à ampla evidência empírica na relação entre a prática autolesiva e o suicídio expostos neste artigo, as mensagens deixadas por esses internautas indicam que os sujeitos que praticam a autolesão, durante a trajetória de suas vidas, já praticaram atos com intenções suicidas. Apesar da autolesão ser direcionada a superfície do corpo para produzir alívio de um sentimento negativo, sendo por definição desprovida de intenção suicida, não devemos desconsiderar a relação entre ambas.

3.2 SOFRIMENTO E ALTERIDADE

Na página corto-me e no canal automutilação, estudada neste artigo, o corpo assume um papel fundamental. As cicatrizes, a punição corporal, nos remetem a um registro psíquico de algo que não é colocado em palavras. Muitos desses sujeitos demonstram uma estranheza com seu próprio corpo e na tentativa desta busca pelo contato, os cortes oferecem essa sensação de controle e domínio.

Seguindo esta concepção de um corpo socializado e que representa um significado onde precisa ser demonstrado, o sujeito engaja em comportamentos lesivos na tentativa de aliviar o sofrimento. Freud (1929/1996) já nos esclarece sobre o sofrimento do indivíduo na cultura, em seu texto: *O Mal-Estar na Civilização*. Nele, Freud afirma que o sofrimento nos ameaça em três direções: sendo o nosso corpo condenado à decadência e dissolução, o mundo externo que se volta contra nós como força de destruição e os nossos relacionamentos com os outros homens.

Birman (2009), em seu livro *Mal-Estar na Atualidade: A Psicanálise e as Novas Formas de*

Subjetivação, propõe argumentos inspirados nos conceitos de Freud sobre desamparo e mal-estar, a partir de uma leitura entre psicanálise e modernidade e as novas condições de mal-estar que perpassa sobre o sujeito contemporâneo. O autor afirma, assim como Freud, que o desamparo seria aquilo que instaura no mal-estar na modernidade, ele também trás uma concepção sobre corpo fundamentado na análise psicanalítica como campo de representações e significantes.

Este autor situa a solidão como insuportável na atualidade e conceitua a subjetividade masoquista não apenas como o desejo de sentir dor, mas mediante a impossibilidade de suportar o desamparo. Para ele, o eu corporal remete as forças pulsionais a partir do Outro, o corpo é antes de tudo destino e é preciso passar pela mediação do Outro para não está condenado ao trauma mortífero (BIRMAN, 2009).

Os sujeitos em seus comentários explanam o motivo de se cortarem, em sua maioria relataram rejeição como fator principal dos cortes. Em síntese, os fatores associados à prática autolesiva, além do citado acima, aparecem temas, como: abuso sexual, *bullying* perdas e conflitos familiares.

O sentimento de rejeição e desamparo é o que se destaca nas mensagens deixadas por esses internautas. Podemos ressaltar no dizer desses sujeitos, que o sentimento de solidão e abandono são evidenciados como maior notoriedade, a ausência de outro sujeito que o possa perceber, de alguém que possa desabafar e compartilhar sua dor.

“As vezes eu penso era que se eu morrer as pessoas vão sentir minha falta?”(Enzo)

“Se eu contar pra minha mãe (Tia) Ela me rejeita como sempre! Queria meus pais comigo! ?”(Melissa)

“Alguém me ajude pq nao consigo me sentir amada ja perdi varias pessoas q amava ams me abandonaram nao consigo mais desabafar cim ninguém pois quando mais doe e eu precisei ninguém estava la pra me ajudar e eu so quero acabar com td...”(Heloisa)

“Eu só me corto pq sofro muito ninguém quer ser meu amigo, todos falam mal de mim. é pra piorar minha suposta família não tá nem aí.” (Raul)

Segundo Fortes e Macedo (2017), o ato lesivo contra o próprio corpo se coloca como efeito da precária interação do sujeito com as outras pessoas, pois, dependemos destes como mecanismo de proteção e identificação. No entanto, isto pode ser uma fonte de ameaça, abandono e desproteção, o que para essas autoras, se apresenta como uma tentativa de resposta no desencontro com o outro.

Há também uma dificuldade do sujeito de encontrar recursos pela via da palavra, muitos expõem que não compartilham com os pais

sobre estes atos. É notório nos depoimentos deixados pelos internautas, que os sujeitos escondem seus cortes e relatam que sentem medo de contar para os pais. Diante do relato de Nicole e Stella é possível perceber que os pais possuem dificuldades em lidar com esta situação.

“Preciso de ajuda, mas não sei como contar tudo o que está acontecendo comigo pros meus pais.” (Quemuel)

“É tudo que eu queria falar para minha mãe... Mais a coragem nunca vem.” (Lucas)

“Eu tenho apenas 12 anos. Vcs/vc ira(m) pensar q eu me corto pq quero atenção... Mas n é bem isso e sim pq quero tornar a minha dor física... e mais outras milhares de coisas.” (Nicole)

“Minha mãe por exemplo quando soube q eu me cortava falou q eu tava louca e q eu só queria chamar a atenção :(fiquei muito magoada pq pensei q ela ia me ajudar mas a vdd é q ela me deu uma faca pra me matar, tentei varias vezes mas não tive sucesso nas minhas tentativas de suicídio.” (Stella)

Alberti (2004), em seu livro *O Adolescente e o Outro*, afirma que é muito frequente diante do posicionamento do adolescente os pais acreditarem que não são mais ouvidos e respeitados, e se separam dos filhos antes que os filhos se separem deles. Com as novas mudanças no contexto familiar e as transformações na sociedade, muitos pais duvidam da sua própria capacidade na criação do filho, e em meio a tantas perdas sofridas nesta fase, o adolescente se vê abandonado.

Para eles, essas atitudes não correspondem uma tentativa de chamar atenção, mas uma forma de aliviar a dor. Diante disto, é importante considerar e desmistificar na sociedade a interpretação dada para estes atos como sendo uma vitimização, conforme propõe Stenudd (2010), em sua pesquisa em mais de 6000 fotografias de lesões auto-infligidas. Em sua análise, tal autor percebeu que muitas vezes a prática é considerada como algo vergonhoso pelo executor, o que sugere uma reinterpretação do corte a partir da linha de compreensão como um ato de resistência, uma estratégia para amenizar situações consideradas insuportáveis.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das variedades de estratégias metodológicas adotadas em pesquisas científicas, este projeto busca a possibilidade de aplicação dos métodos tradicionais de pesquisa adaptados ao ambiente da *internet*. É de fundamental importância analisar o adolescente e os espaços *online* e compreender as causas e fatores por trás da prática autolesiva e, principalmente, o sentido dessas expressões corporais.

O comportamento autolesivo demonstra como o corpo se torna um meio de comunicação. As cicatrizes, a punição corporal, nos remete, por exemplo, a um registro psíquico como forma de controle e domínio. Entre as causas explanadas o sentimento de solidão é o fator principal associado a esta prática, que vem acompanhado de sentimentos de rejeição, culpa e abandono. Destarte, a ausência de outro que possa perceber, desabafar e compartilhar sua dor é evidenciado nos relatos.

Em suma, este estudo sugere que embora a internet possa representar riscos no fornecimento de técnicas e métodos potencialmente letais para a prática autolesiva, a maior parte do conteúdo é projetada para dar suporte social, informar, compartilhar histórias e apoiar esses adolescentes.

Consideramos a internet como uma grande fonte de pesquisa, isso porque adolescentes apresentam suas vivências e nelas descrevem suas necessidades, dando-lhe significado, sentido e exibindo sua subjetividade. Por isso, novas formulações teóricas e outros fios condutores conceituais possíveis contribuem com as ampliações deste campo de investigação clínica.

Em termos conclusivos, esta pesquisa contribui no sentido de proporcionar respostas e auxiliar nas demandas emergenciais que surgem na prática clínica contemporânea, sobretudo no que se refere ao público adolescente, onde ocorrem mudanças físicas e psicológicas que se perpetuam durante toda a vida do sujeito.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. *O adolescente e o outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico de transtornos mentais**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2014.

ARCOVERDE, R. L. **Autolesão e produção de Identidades** (Dissertação de Mestrado)- Universidade Católica de Pernambuco, Recife. 2013. Disponível em: < http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/12/TDE-2013-06-10T154157Z-580/Publico/renata_lopes_arcoverde.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2017.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BRASIL. **Resolução n °510, de 07 de abril de 2016**. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2016. Disponível em: < <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>> . Acesso em: 10 jan. 2017.

FORTES, I.; MACEDO, M.M.K. Automutilação na adolescência- rasuras na experiência de alteridade*. **Psicogente**, v. 20, n. 38, p. 353-367, mai.2017. DOI: 10.17081/psico.20.38.2556. Disponível em: < https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/45654/Manual_de_normalizacao_UFPR.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 jun.2017.

FREUD, S. (1996). O Mal-estar na civilização In J. L. Meurer (Ed. Trad.), **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XXI, pp.38-92. Rio de Janeiro: Imago, 1929.

LOURENÇO, V.S.G. **Para uma compreensão dos comportamentos de automutilação**. (Dissertação de mestrado). Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 2008.

MURRAY, C.D.; FOX, J. Do Internet self-harm discussion groups alleviate or exacerbate self-harming behaviour? **Australian e-journal for the advancement of mental health**, v. 5, n.3, pp. 1-9, 2006. DOI: org/10.5172/jamh.5.3.225. Disponível em: < <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.5172/jamh.5.3.225>>. Acesso em: 15 jun.2017.

ROSA, N.B.K. O uso da Internet como espaço terapêutico. **Cadernos do Aplicação**, v. 24, n.2, pp.132-143, 2011. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/34>>. Acesso em: 10 jan 2017.

STERNUDD, H.T. The Discourse of Cutting : A Study of Visual Representations of Self-Injury on the Internet. Making Sense of Pain : Critical and Interdisciplinary Perspectives. **Oxford, United Kingdom, Inter-Disciplinary Press**, pp.237-248, 2010. Disponível em:<<http://muep.mau.se/bitstream/handle/2043/10818>

/Sternudd_The_Discourse_of_cutting.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 jan 2017.

SWANNELL, S.; OAM, G.M., KRYSINSKA, K.; KAY, T., OLSSON, K.; WIN, A. Cutting on-line: Self-injury and the internet. **Advances in Mental Health**, v. 9, n. 2, pp. 177–189, 2010. DOI: org/10.5172/jamh.9.2.177. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.5172/jamh.9.2.177>. Acesso em: 15 jun. 2017.

VIEIRA, M. G.; PIRES, M. H. R.; PIRES, C. O. Automutilação: intensidade dolorosa, fatores desencadeantes e gratificantes. **Revista dor**, 17(4), 257-260, 2016. DOI: org/10.5935/1806-0013.201600. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1806-00132016000400257&script=sci_abstract&tlng=pt.> Acesso em: 10 jan. 2017.

WHITLOCK, J.; ECKENRODE, J.; SILVERMAN, D. . Self-injurious behaviors in a college population. **Pediatrics**, v.117, n.6, pp.1939-1948, 2006. DOI: 10.1542/peds.2005-2543. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16740834>>. Acesso em 16 jun. 2017.

WHITLOCK, J.; LADER, W.,; CONTERIO, K. The internet and self-injury: What psychotherapists should know. **Journal of Clinical Psychology**, v. 63, n.11, pp.1135–1143, 2007. doi:10.1002/jclp.20420, Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17932984>>. Acesso em 10 jan. 2017.

WHITLOCK, J.; KNOX, K. The relationship between suicide and self-injury in a Young adult population. **Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine**, v.161, n.7, pp. 634- 640, 2007. DOI:10.1001/archpedi.161.7.634. Disponível em:< <https://pdfs.semanticscholar.org/c5f5/364f0d6f24555f7e735dae09a93fcf39b074.pdf>. Acesso em 12 jan.2017.

WHITLOCK, J.L.; POWERS, J.P.; ECKENRODE, J.E. The virtual cutting edge: Adolescent selfinjury and the internet. **Developmental Psychology**, v.42, n. 3, pp. 407–417, 2006. DOI:10.1037/0012-1649.42.3.407. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16756433>> . Acesso em 12 jan.2017.